

A TRINDADE NA VISÃO DE GREGÓRIO DE NAZIANZO

*Prof. Dr. Pe. Vital Corbellini**

Resumo: A Trindade foi um dos argumentos importantes na doutrina de Gregório de Nazianzo, considerado como “o teólogo” na Igreja antiga. Em continuidade com o pensamento de Basílio de Cesaréia, seu amigo, ele a descreveu em conformidade com a Sagrada Escritura e a Tradição, dando-lhe uma maior logicidade nas expressões *hipóstase* (Pessoa) e *ousía* (substância) em Deus. A sua doutrina foi uma defesa do mistério uno e trino diante dos arianos, os quais tornavam as Pessoas, essências diferentes; dos sabelianos, pela eliminação das Pessoas, e dos pneumatômacos, pela negação da divindade do Espírito Santo. Gregório afirmou a divindade do Filho e do Espírito Santo em relação ao Pai.

Abstract: The trinity was one of the important arguments in Gregorius of Nazianz’ doctrine, considered as “the theologian” on Ancient Church. In sequence with the Basilius of Cesarea’s thought, his friend, he has described it in accordance with the Holy Writ and the Tradition, giving it a most coherence in the expressions hipostasis (Person) and ousia (substance) in God. His doctrine was a defence of the uno and trino mystery before arians, those changed the Persons, different essences; before sabelians, by eliminating the Persons, and before pneumatomacs, by denying of the divinity of the Holy Spirit. Gregorius affirmed the divinity of the Son and of the Holy Spirit in respect to the Father.

Introdução

O mistério trinitário envolve o ser humano, de tal modo que, no início de uma vida ou de uma atividade, a celebração eucarística, outros sacramentos e o fim dos mesmos, são invocadas as Pessoas da Santíssima Trindade. Para quem tem fé, o mistério é fascinante, atraente; nele há a plenitude das coisas, da vida com que o ser humano sonha e busca com muito amor uma participação de sua realização neste mundo. No entanto, não basta só falar sobre o mistério: é preciso entrar nele, através da contemplação e da adoração. No momento atual, da crise da modernidade, marcado pelo individualismo e fragmentação das coisas, faz-se necessária uma experiência de Deus para realizar as coisas em conformidade com o seu plano em relação ao ser humano. A pastoral, a atuação junto ao Povo de Deus e na sociedade terão mais ânimo e força, a partir de sua fonte original do ser humano, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. A fé cristã não diz que eles são deuses, mas um só Deus em três Pessoas. O testemunho desse mistério no mundo de hoje resgata o valor do homem e da mulher criados à imagem e semelhança do Deus uno e trino. É preciso voltar às fontes, à palavra de Deus, à patrologia, à patrística para aprofundar melhor a exegese, a cristologia, a teologia e a eclesiologia, respondendo, dessa forma, às aspirações, angústias e esperanças do homem moderno.

O pensamento trinitário foi bastante desenvolvido, após a segunda metade do IV século, por causa da heresia ariana que negava a divindade do Filho em relação ao Pai, do sabelianismo, que negava as Pessoas, para reforçar a unidade em Deus, e do grupo dos pneumatômacos, negadores da divindade do Espírito Santo. Era necessário especificar em Deus a unidade e as propriedades, as suas particularidades. Basílio, o grande, depois Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa aprofundaram mais que quaisquer outros Padres da Igreja o mistério trinitário. Eles

elaboraram uma distinção lógica entre as palavras *hipóstase* e *ousía*, resultando a fórmula de uma *ousía* e de três *hipóstases*¹.

O Nazianzeno teve que defender a Trindade diante do arianismo, doutrina ainda bastante presente no seu tempo (final do IV século), a qual não admitia que o Filho fosse Deus como o Pai é Deus, e os pneumatômacos e macedonianos, negadores do Espírito como Deus.

A análise a seguir visa aprofundar a doutrina trinitária em Gregório de Nazianzo, a percepção do Filho como Deus, a referência da unidade na Trindade e o Espírito Santo Deus como o Pai e o Filho.

1. As opiniões sobre Deus

Gregório afirma que três são as opiniões mais antigas sobre Deus: anarquia, poliarquia e monarquia. As primeiras duas estavam bem enraizadas nos gregos, porque, se aquela dizia respeito à desordem das coisas, a segunda referia-se à multiplicidade das mesmas. Uma e outra implicavam uma consequência universal, a dissolução de tudo². Para os cristãos, a concepção que merece honra é a monarquia, doutrina que não deve ser entendida como uma única Pessoa, mas diz respeito à uma igual dignidade de natureza, identidade do movimento. Se há diversidade no número, porque as pessoas são diferentes, não há diversidade na substância. A tríade é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A primeira é o gerador (*genêtor*) e as outras duas são a geração (*gênnêma*) e a emissão (*próblema*). Em outras palavras trata-se do ser ingerado, (*tò agênnêton*), o gerado (*tò gênnêton*) e aquele que procede do Pai (*ekporenómênê*)³.

2. A manifestação do mistério

Gregório está convicto de que a Trindade se revelou ao ser humano aos poucos, progressivamente e pedagogicamente, de

¹ Cf. B. STUDER, “Trindade”, in *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs* (DPAC). Petrópolis, RJ: Vozes e Paulus, 2002, p. 1388.

² Cf. GREGÓRIO DI NAZIANZO, *Tutte le orazioni, Oraz.*, 29,2, a cura di C. MORESCHINI. Milano: Bompiani, 2000.

³ Cf. *Oraz.*, 29,1.

modo que Deus mesmo preparou a humanidade à sua manifestação. O AT anunciou de modo explícito a existência do Pai, enquanto a existência do Filho foi anunciada de modo mais obscuro. O NT manifestou a existência do Filho, enquanto faz soar nas entrelinhas a natureza divina do Espírito Santo. Ora, o Espírito está presente no meio de nós, no qual ele concede a própria manifestação⁴.

O ser humano foi educado por Deus, para acolher o mistério da Trindade, também pela palavra da Igreja. Esta, aos poucos, foi anunciando a divindade do Pai para assim proclamar manifestamente a do Filho e do Espírito Santo. Dessa forma, não houve uma apresentação de um alimento superior às nossas forças ou se nós tivéssemos que olhar a luz do sol, bastante forte, com um uma vista por demais débil e fraca⁵. Assim Gregório diz que nós adoramos Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo, três Pessoas numa única natureza divina, à qual é dada a glória, a honra, a onipotência⁶. Não são três seres separados, um do outro, à maneira do politeísmo, como fez Ario ou a doutrina idealizada por Sabélio⁷. O Nazianzeno, como os Padres desse período histórico, procuraram superar essas duas heresias: de um lado, a confusão proveniente de Sabélio, que negava as Pessoas para ressaltar a unidade em Deus⁸, e, de outro, as Pessoas tornavam-se essências diferentes, negando-se a unidade.

3. O que dizer da Trindade?

Para falar da Trindade, o nosso autor procurou reforçar a unidade em Deus: um só é Deus, privado de início de causa, não-circunscrito por um ser a ele anterior ou que poderá vir posteriormente⁹. Gregório afirma que as três Pessoas são eternas,

⁴ Cf. *Oraz.*,31,26.

⁵ *Idem.*

⁶ *Ibidem.*

⁷ Cf. *Oraz.*,31,30.

⁸ Sabélio afirmava que Pai, Filho e Espírito Santo constituem um só *prósôpon* e uma só *hipóstase*, de modo que há um só Deus e uma só Pessoa. (cf. M. SIMONETTI, “Sabélio, sabelianos” in *DPAC*, p. 1239).

⁹ GREGORIO NAZIANZENO, *Il mistero cristiano, poesie*, I. Traduzione, introduzione e note a cura di C. MORESCHINI. Roma: Città Nuova Editrice, 1986.

estão fora do tempo e do espaço: “Desde quando o Pai existe? Não existe um momento no qual o Pai não existisse; ele sempre existiu. Isto vale também para o Filho e o Espírito Santo”¹⁰. Assim o Filho e o Espírito Santo são coeternos com o Pai, porque provêm dele. Como o Pai é sem princípio, o Filho e o Espírito Santo são sem princípio, assim como o sol não é anterior (*ánarcha*) à luz.

Gregório descreve a geração do Filho; ela não é sujeita a paixões (*apathês*), pelo fato de que é sem corpo (*asômatos*), enquanto que a geração humana é sujeita às paixões, porque é corpórea. Na geração do Filho, o Pai não sofreu paixão alguma, totalmente diferente das gerações que se confiam à carne¹¹, porque é espiritual, inefável, divina. Se, na realidade humana, o pai tem o seu início como pai pelo nascimento de um filho seu, na realidade divina, o tempo não existe, porque as duas Pessoas coexistem, sendo que uma não é anterior à outra¹². Tal geração não é dada pela vontade do Pai, como se ele fosse obrigado a gerá-lo; essa era a doutrina ariana, que afirmava a criaturalidade do Filho. O Nazianzeno contesta essa idéia, pelo fato de as coisas referentes a Deus estarem acima de todas as considerações humanas. A geração divina corresponde à vontade de gerar e, portanto, essa (a geração) está ligada ao amor e não a obrigação da mesma. O Pai é Deus e o é desde sempre¹³. Assim a geração do Filho não pode ser compreendida em termos humanos, porque ela foge da razão; ela é também fora do tempo, é eterna, porque o Pai é eterno. Se a própria geração humana é incompreensível, tanto mais aquela divina, a ponto de Gregório dizer: “Quanto Deus é impenetrável ao homem, tanto a geração celeste é mais incompreensível para ti”¹⁴.

Como o Filho foi gerado? Esta era a pergunta levantada pelos arianos, porque consideravam a geração semelhante à humana. Gregório diz contra estes: a geração de Deus recebe a honra do silêncio. Nem os anjos ou as criaturas celestes o sabem, mas só o

¹⁰ Cf. *Oraz.*,29,2-3.

¹¹ GREGÓRIO NAZIANZENO, *Il mistero cristiano, poesie*, I.

¹² Cf. *Oraz.*,29,5.

¹³ Cf. *Idem*,29,6.

¹⁴ *Ibidem*.

Pai que o gerou e o Filho que foi gerado¹⁵. O Pai não gerou alguém que não existia antes, porque tais coisas referem-se àqueles que estão no tempo: o Filho existiu desde sempre no Pai. O Filho foi gerado fora do tempo, com uma natureza igual àquele que o gerou¹⁶.

4. O significado das características nas Pessoas

Gregório afirma que ser ingerado e o ser gerado não dizem respeito a duas substâncias, mas elas designam o Pai e o Filho; são as suas características¹⁷. Se o ser não-gerado fosse substância de Deus e o ser gerado não o fosse, o Filho seria excluído da natureza divina. Nesse sentido, o Nazianzeno criticava Eunômio, o mais radical dos arianos, porque ele identificava as características como essências de Deus¹⁸. A afirmação de tais coisas era, para o nosso autor, uma blasfêmia, uma ofensa a Deus. Se o fiel referisse incriado e criado, é evidente que a natureza não seria a mesma, mas quando a alusão dirige-se às Pessoas, a natureza é a mesma: “A mesma natureza de fato pertence a quem gerou e a quem é gerado”¹⁹.

Ser ingerado e ser gerado não designam essências, mas relações²⁰. É claro que só Deus é o ingerado e ainda que seja o Pai, o Filho também é Deus, porque tem a mesma natureza do Pai. Se o Filho é idêntico ao Pai, quanto à substância, sendo o Pai o ingerado, a mesma coisa vale também para o Filho: “Única é a sua natureza (de Deus), também se os nomes são distintos em base às diversas concepções que dele se tem”²¹.

¹⁵ Cf. *Oraz.*, 29,8.

¹⁶ GREGÓRIO NAZIANZENO, *Il mistero cristiano, poesie*, II.

¹⁷ Cf. *Oraz.*, 29,10.

¹⁸ Os discípulos de Aécio e de Eunômio foram chamados de anomeus, pelos seus adversários, porque consideravam o Filho diferente (*anomoíotos*) do Pai. Tal doutrina afirmava a transcendência do Pai, cuja característica é a de ser o único não-gerado, de forma que o Filho sendo gerado é diferente em hipóstase e substância do Pai e por isso não é eterno como ele. (cf. M. SIMONETTI, “Anomeus” (anomeísmo), in *DPAC*, p.106).

¹⁹ *Oraz.*, 29, 10.

²⁰ Cf. *Idem*, 29,11.

²¹ *Ibidem*, 29,13.

Gregório afirma que o termo Pai não indica uma substância mas uma relação. Sim, porque se o Pai indicasse uma essência (*ousía*), assim deveria admitir-se que o Filho é de substância diversa, porque é primogenitura do Pai²². Mas, se o nome de Pai é uma relação (*schéseôs*), isto é, o estado no qual o Pai encontra-se no Filho e o Filho no Pai, assim há igualdade de natureza entre aquele que é gerado (*gegennéménon*) e aquele que gera (*gegennêkós*). A própria Escritura fala da unidade do Filho em relação ao Pai; o Filho Unigênito está no seio do Pai e este o fez conhecer à humanidade (cf. *Jo* 1,18). Nunca houve um tempo no qual o Pai foi sem o *Lógos*, o Filho²³.

Gregório analisa alguns aspectos da unidade da Pessoa em Cristo, sendo que ele é humano, de uma parte, e divino, de outra. Ele foi envolvido em faixas, mas também ele veio libertado das faixas do túmulo com a ressurreição (cf. *Lc* 2,7; *Jo* 20,6-7). Ele foi batizado enquanto homem, mas libertou as pessoas dos pecados enquanto Deus, para ratificar as águas (cf. *Mt* 3,16; *Lc* 3,4; *Jo* 1,29). Teve fome, mas nutriu milhares de pessoas, sendo o pão vivo descido do céu (cf. *Mt* 4,2; *Lc* 4,2, *Mc* 6,42-44; *Jo* 6,41). Teve sede, mas disse: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (cf. *Jo* 7,37). Ele foi reconhecido pelos demônios e ele os expulsou das pessoas e nele o chefe dos demônios caiu como relâmpago (cf. *Mt* 8,16; *Lc* 10,18). Pergunta onde colocaram Lázaro, porque ele era homem, mas ressuscita o seu amigo (cf. *Jo* 11,34; *Jo* 11, 43-44). Como uma ovelha é conduzida ao matadouro, mas é o pastor de Israel e de toda a terra (cf. *Is* 53,7; *Sl* 79,2). Ele foi ferido, mas sarou toda a doença e toda fraqueza. Ele ofereceu a sua alma para a vida do mundo, mas ele tem a capacidade de retomá-la de novo (cf. *Jo* 10,17-18). Ele morreu, dando a vida com sua morte e liberta a pessoa da própria morte; é sepultado, mas ele se eleva nas alturas (cf. *2 Tm* 1,10; *Mt* 28,26). Ele virá um dia para julgar os vivos e os mortos (cf. *2 Tm* 4,1; *1 Pd* 4,5). As características humanas e

²² Cf. *Ibidem*, 29,16.

²³ Cf. *Oraz.*, 29,17.

divinas estavam presentes nele, formando a unidade de pessoa de Jesus Cristo, o encarnado, Filho de Deus.

5. Textos bíblicos e interpretação gregoriana

O Nazianzeno teve que interpretar alguns textos bíblicos em função da redenção, pois eles recebiam uma outra interpretação, a literal, por parte dos heréticos. Um primeiro texto foi *Pr* 8,22, bastante utilizado pelos arianos, o qual reforçava a criaturalidade do Filho: “O Senhor me criou como princípio das suas estradas em vista das suas obras”. A quem se refere este texto? À sabedoria mesma? O nosso autor diz que a Escritura personifica coisas inanimadas, assim como “o mar disse” e “os céus narram a glória de Deus” (cf. *Jó* 28,14; *Sl* 18,1). O texto alude à natureza divina que se une à humana, em vista de nossa salvação.

Nessa passagem, encontram-se expressões como “me criou” (cf. *Pr* 8,22) e “me gerou”(cf. *Pr* 8,25); a referência é atribuída à humanidade do Verbo de Deus e não a sua divindade; aquilo que é simples e sem causa veio ligar-se à humanidade pela encarnação do Verbo, pelo qual salvou aqueles que estavam submissos ao pecado.

Ele interpretou outro texto bíblico em vista da redenção, porque era valorizado pelos arianos; a submissão do Filho ao Pai (cf. *ICor* 15,25), não sendo, assim, Deus como o Pai. A submissão de Cristo consiste no cumprimento da vontade do Pai. Então o Filho submete toda a coisa ao Pai e o Pai ao Filho: um, com a sua obra, o outro, com a sua benevolência²⁴. O Senhor assumiu a forma de servo; foi o abaixamento de Jesus ao nível dos companheiros de servidão; ele assumiu uma forma que não lhe pertenceu para consumir em si mesmo o pior da nossa vida²⁵.

Deus será tudo em todos significa não só o Pai, mas o Filho e o Espírito Santo. Será o mistério de Deus Uno e Trino em nós e nós nele²⁶. Dessa forma, uma compreensão é dada tanto ao Pai como para o Filho: o Filho não faz nada daquilo que não faz o Pai²⁷.

²⁴ Cf. *Oraz.*,30,5.

²⁵ Cf. *Fl* 2, 7; *Oraz.*,30,6.

²⁶ *Idem.*

²⁷ Cf. *Oraz.*,30,11.

Tudo aquilo que pertence ao Pai pertence também ao Filho(cf. *Jo* 16,15). Aquilo que é do Filho é também do Pai. Nada há exclusivo, só de uma pessoa, que não seja também da outra, porque também o ser é comum (*koinós*), mesmo se o Filho provém do Pai. O Filho traz do Pai a sua existência, fora do tempo e sem causa. Ele vê o Pai que faz as coisas e faz o mesmo (cf. *Jo* 5,19). O Filho faz as mesmas coisas que o Pai faz, não em base na igualdade das coisas que são feitas, mas em base ao igual valor do seu poder.

O Filho não veio para fazer a sua vontade, mas a daquele que o enviou(cf. *Jo* 6,38). O seu desejo não se contrapõe ao de Deus; segundo Gregório, não há uma vontade própria do Filho, distinta daquela do Pai; mas há uma vontade comum do Filho e do Pai, como única é a divindade, assim única é a vontade(*hôs mía theotês houtô kai boulês*)²⁸.

Qual é a vontade do Pai? Que aquele que crê no Filho seja salvo e obtenha a ressurreição final (cf. *Jo* 6,40); mas esta é também a vontade do Filho. Por isso ele é dito o intercessor do ser humano junto de Deus (cf. *Hb* 7,25). Interceder não significa pedir vingança, mas intervir em nosso favor, nas dificuldades, esperanças e problemas encontrados, em virtude de sua posição de mediador (cf. *1Tm* 2,5; *2Cor* 5,20; *Ef* 6,20). E ele intercede como homem pela nossa salvação. Outro texto importante refere-se ao último dia, sendo só do conhecimento do Pai (cf. *Mc* 13,32). Gregório diz que o Filho é aquele que conhece as coisas de Deus, e será que ele não sabe as coisas do Pai? Se ele afirmou tais coisas, Jesus o disse enquanto homem, mas não enquanto Deus. Tal afirmação é atribuída à natureza humana dele, não à divina²⁹.

Há nomes referentes à nossa economia, como onipotente, rei da glória, Senhor, Deus da salvação³⁰, como também o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó (cf. *Ex* 3,6). Os nomes comuns da divindade são assim concebidos, segundo Gregório de Nazianzo: “Peculiar daquele que não tem princípio, é aquele do Pai; daquele

²⁸ Cf. *Oraz.*,30,6.

²⁹ Cf. *Oraz.*,30,18.

³⁰ Cf. *Sl* 67,12; *Oraz.*, 30,12.

que foi gerado sem ter princípio é o Filho; daquele que procede, sem ser gerado, é aquele do Espírito Santo”³¹. A geração do Filho diverge da humana, dos corpos em geral; nesta é ausente a paixão(*tò apathês*), porque é conjunta com o Pai³². É dito imagem, porque o Filho é da mesma substância(*homooúsios*) do Pai. É uma imagem que tem perfeita correspondência com o original; é dizer mais que semelhante(*homoioúsion*). Ele é redenção, porque liberta a nós que fomos submetidos ao pecado (cf. *1Cor* 1,30). Ele é ressurreição, porque nos reconduz à vida³³.

6. A respeito do Espírito Santo

Gregório encontrou dificuldades para falar do Espírito Santo, não porque ele duvidasse da sua divindade ou existência; ao contrário, ele acreditava na sua existência e na sua divindade, mas porque a Escritura fala pouco dele. No entanto, ele não deixou de criticar aqueles que diziam que o Espírito Santo não existia ou que seria uma criatura, ao levantar esta pergunta: Ele deve ser colocado entre os seres que subsistem por si, ou é uma força de Deus? Se ele fosse uma força, deveria ser causado por um outro e, um dia, ele poderá terminar. Se ele fosse uma criatura, como nós, como podemos nos tornar perfeitos nele? Ora, se o Espírito é Deus, então ele não é uma criatura, nem servo como nós³⁴.

A visão que Gregório tem do Espírito é a sua procedência do Pai. Ele não é gerado, porque ele não é o Filho, mas ele é Deus como o Pai e o Filho³⁵. A ele não falta nada, porque é Deus, assim como também o Filho. Ele não é diminuído segundo a substância, enquanto os termos de “não ter sido gerado”, “ter sido gerado e proceder” indicam o Pai, o Filho e o Espírito Santo, de modo que se conserva não confundida a distinção das três hipóstases na única natureza e única dignidade da essência divina³⁶. O Filho não é o Pai; o Pai não é o Filho e o Espírito Santo não é o Pai e o Filho. Os

³¹ Cf. *Oraz.*,30,19.

³² Cf. *Oraz.*,30,20.

³³ Cf. *Oraz.*, 30,20.

³⁴ Cf. *Oraz.*,31,6.

³⁵ Cf. *Oraz.*,31,8.

³⁶ Cf. *Oraz.*,31,9.

três são uma só divindade quanto à natureza e único ser; é três, quanto às propriedades.

A unidade não deve ser entendida como Sabélio, nem como as três Pessoas na visão ariana que as dividia. Por isso Gregório levanta uma pergunta: O Espírito Santo é Deus? Certamente. É *homooúsiôn*? Sim, porque é Deus³⁷. Assim a adoração que é dada a uma das Pessoas não significa senão que adorar as três Pessoas por causa de igualdade de honra das quais gozam, seja pela dignidade, seja pela sua natureza divina³⁸.

Os arianos e os pneumatômacos afirmavam que o Espírito Santo era uma criatura, feita pelo Filho; uma coisa compreendida nas criaturas. Contra essas concepções Gregório dizia que o Espírito Santo é Deus, de modo que não se poderia honrar o Pai, tirando-lhe o Filho, como também não se pode honrar o Filho, colocando o Espírito Santo ao lado das criaturas. Dessa forma, não se poderia colocar a criatura na Trindade, porque assim não é mais a Trindade; mas a natureza divina é, sim, única, toda criadora e em toda a parte é venerável em igual grau³⁹. Naquilo que é possível à compreensão humana, Gregório diz que são três seres divinos que nós adoramos, porque se trata de um só Deus, uma só natureza divina, e os seres que derivam dele retornam à Unidade⁴⁰.

7. O Espírito Santo e a economia da salvação

O Espírito é Deus, porque aperfeiçoa as capacidades dos discípulos e aparece neles em línguas de fogo (cf. *At* 2,3). Ele foi revelado por Jesus, quando ele disse que pediria ao Pai e este mandaria um outro Consolador, o Espírito de verdade que o mundo não pode conhecer (cf. *Jo* 14,16-17). Ele é chamado Espírito de Deus, de Cristo (cf. *Rm* 8,9); ele não é santificado (cf. *Jo* 3,34), mas santifica; ele plenifica, não é plenificado (cf. *Sb* 1,7); ele é glorificado (cf. *I Cor* 6,19-20); ele é conumerado com as outras Pessoas (cf. *Mt* 28,19). Ele cria as coisas e as vivifica (cf. *Jo* 6,63);

³⁷ Cf. *Oraz.*,31,10.

³⁸ Cf. *Oraz.*,31,12.

³⁹ Cf. *Oraz.*,31,11.

⁴⁰ Cf. *Oraz.*,31,14.

ele nos torna divinos (cf. *1 Cor* 3,16). Ele realiza aquilo que Deus realiza. Ele é imutável (cf. *Sb* 7,23). Deus é a causa de todas as coisas e não há uma causa anterior a ele⁴¹. Ele deve ser adorado como o Pai, o Filho, três Pessoas em uma só natureza divina e numa só potência⁴².

Conclusão

Gregório aprofundou a doutrina trinitária proveniente de Basílio de Cesaréia, no sentido de um maior realce à unidade em Deus e às características das Pessoas. Ele reconheceu o mistério no qual se pôs como alguém limitado nos argumentos, mas confiante naquele que tudo pode para conduzir as pessoas, um dia, à salvação. No entanto, ele não deixou de elaborar, no seu pensamento teológico, a verdade sobre Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, combatendo as doutrinas ariana, sabeliana e pneumatômaca. Os arianos colocavam o Filho ao lado das criaturas, de modo que devia-se conceber o Filho, gerado pelo Pai, de uma forma eterna, fora do tempo e do espaço; o Filho não poderia ser confundido com o Pai, sendo uma Pessoa diferente, mas consubstancial ao Pai; o Espírito Santo é Deus como o Pai e o Filho, sendo com eles conumerado. Gregório, mais que outros Padres capadócijs, deu uma lógica nessas verdades de fé, sendo o Pai, ingerado, o Filho gerado e o Espírito procedente do Pai através do Filho. Como ele não só escreveu sobre o mistério, mas acreditou no mesmo, também procuremos acreditar no Deus Pai, que se manifestou em Jesus Cristo, através de sua encarnação, paixão, morte e ressurreição, em vista da salvação do ser humano, e no Espírito Santo, que fortalece a Igreja, as comunidades, os seus pastores, o Povo de Deus, para que vivam e anunciem ao homem e à mulher, no mundo de hoje, a justiça, a paz, o amor, a palavra de Cristo, reveladora do Pai.

**Dr. Pe. Vital Corbellini*

Presbítero da Diocese de Caxias do Sul/Rs, Doutor em Teologia e Ciências
Patrísticas pelo AUGUSTINIANUM/Roma, Professor FATEO-PUCRS.

E-mail: saojosecaxias@terra.com.br ou: vitalcorbellini@yahoo.com.br

⁴¹ Cf. *Oraz.*,31,33.

⁴² Cf. *Oraz.*,31,30; *Oraz.*,31,33.